

Discurso de Luís Miguel Cintra na cerimónia de entrega do Prémio Troféu Latino 2008

Minhas senhoras e meus senhores,

Um prémio representa sempre para mim um momento difícil. São todos diferentes. Varia o seu significado, variam as suas consequências, variam os júris ou as instituições que os atribuem, variam as razões. Alguns me têm honrado, outros me têm repugnado. Mas todos me põem em causa. Sempre os prémios me têm obrigado a um momento importante de confronto com a imagem que os outros fazem de mim. E em que quase nunca me reconheço.

Neste caso considero importante a opinião dos que me escolheram e honrosa a lista de pessoas que, como premiados, me antecederam. Entre eles está, aliás, uma pessoa de quem sou muito amigo, a cuja obra o meu trabalho de actor está profundamente ligado e com cujo exemplo muito tenho aprendido: o realizador Manoel de Oliveira. Mas quem me diria, quando há um ano aqui estive com a alegria de ter sido escolhido pelo Professor José Mattoso, para o "apresentar", ou antes, para o acompanhar, na cerimónia de atribuição do prémio Troféu Latino, que seria eu a suceder-lhe em 2008! É-me de facto grato suceder a alguém que nessa ocasião me quis associar à sua "crença na misteriosa força que faz o homem ser homem, e o leva a confiar na sua capacidade de regeneração". E que vê no meu trabalho "um meio de celebrar a vida ou de procurar o seu sentido." Não sei se terei a imodéstia de dizer que nessa imagem me reconheci mas sei que me foi grato perceber que há qualquer coisa no trabalho que faço que pode levar a que por essas razões me chamem companheiro.

Mais difícil me é reconhecer que contribuí para difundir os valores ligados à Latinidade, conceito que não me é fácil definir e que não terá sido meu objectivo consciente, por mais que goste de me sentir herdeiro de uma cultura do sul da Europa. Mas entendo, e é-me grato entender, que os valores por que agora me premeiam são valores opostos aos valores do mercado que neste nosso tempo regem as artes do espectáculo e começam a limitar a sua liberdade. O que este júri agora reconhece naquilo que tenho feito, julgo ser de facto um valor oposto a esses: é uma minha grande e consciente teimosia, a de prezar a memória do que outros viveram antes de mim e ser fiel a uma consciência da História que no nosso tempo me parece por demais desprezada. Acredito de facto que, através da representação dos grandes textos dramáticos de tempos passados e da sua leitura contemporânea que uma encenação pode fazer, o teatro tem a importante capacidade de confrontar o público, ou, em linguagem mais humana, *os outros*, com maneiras de pensar, de sentir, de viver, de *outros* que nos antecederam e que foram construindo o mundo em que agora vivemos. Tenho tentado que esse confronto seja para todos, os que o inventamos e aqueles com quem o partilhamos, uma experiência de vida que a sociedade em que vivemos não prevê, mas que nos pode ajudar a viver com outra inteligência. Mais humanamente. E dar-nos um prazer que, por uma vez nestes nossos dias, não foi pré-formatado. Que de cada vez é inventado. Pela nossa responsabilidade. A responsabilidade que um ofício que é público nos exige. A revelia de um mercado que agora transforma cada espectáculo em mero produto para rápido consumo.

Não desprezo os textos contemporâneos e no Teatro da Cornucópia muitos levámos à cena que entendi como grandes momentos de reflexão sobre o nosso tempo ou sobre o

século XX recente, ou que, na sua capacidade poética, reclamam para o nosso tempo uma permanente reconstrução do ser humano: textos de Heiner Muller, Edward Bond, Beckett, Brecht, Pasolini, Fassbinder, Genet, Joe Orton, por aí adiante. E textos portugueses de autores que nos são próximos: Sophia, Ruy Belo, Fiamma, ou textos passados trabalhados para nós por autores que são amigos: Eduarda Dionísio, Luiza Neto Jorge, recentemente Frederico Lourenço. E sei que é de grandes e pequenos gestos que a História se faz. Não é a arrogância que não me tem deixado abordar textos que poderiam ser considerados menores mas que são tão importantes na construção da vida como tantos textos geniais. Mas reconheço que tenho um gosto pessoal, formado como fui no gosto pela História das Artes e da Língua, por um teatro de texto e pela abordagem do chamado repertório e que aí encontrei um espaço de intervenção na Cidade que me dá alegria e que, com a vontade a que fiquei fiel de intervenção política da minha geração, julgo importante usar na minha qualidade de intérprete. Esse é o estatuto que sempre tenho reivindicado no meu trabalho. Não quero ser aquilo que no actual mercado de espectáculos melhor se vende: um encenador/autor. O meu trabalho, quer como actor quer como encenador, é o de um intérprete, o meu prazer é o de entender *os outros*, passados e presentes, e de com *os outros* conviver. Para mim fazer teatro é isso. Uma maneira de comunicar. Não quero fazer obra, nem a fiz. É um ofício que entendo como político mas que é ainda menos obra que a obra dos políticos, que ditam leis e têm poder. O trabalho do teatro é efémero e modesto. Fica só na memória dos outros, de alguns outros. Já me basta.

Por estas razões em que me reconheço, gosto de receber este prémio. Já não reconheço no entanto que o meu trabalho tenha vindo a ser o de "*divulgação* das grandes obras de teatro", na expressão que o júri que me premeia utilizou para definir o que tenho feito. São, foram, de acordo com o que tenho vindo a dizer, mais ambiciosos os objectivos do meu modesto trabalho. Como o Professor Mattoso o ano passado aqui disse, o meu trabalho é para mim sobretudo uma maneira de "procurar o sentido da vida", de a procurar entender. É verdade que entretanto fui dando a conhecer muitos textos tão ricos que se conhecem pouco, mas de modo algum quis fazer um trabalho académico de divulgação que pressupõe uma autoridade ou uma distância em relação aos outros, àqueles a quem se dirige. Não quis fazer "divulgação". A minha relação com o público só a reconheço como de igual para igual. O público a quem dei a ver ou conhecer peças de Sófocles, Séneca, Plauto, Gil Vicente, Luis de Camões, Lope de Veja, Calderón de la Barca, Molière, Shakespeare, Wycherley, António José da Silva, Goethe, Schiller, Beaumarchais, Hölderlin, Lenz, Kleist, Strindberg, Ostrovski, Tchekov, Raul Brandão, Garcia Lorca, Horváth, etc, imagino-o como meu igual, merece-me, e tanto mais agora, em reacção contra o cinismo da relação que quase toda a actividade teatral estabelece com ele, um quase doentio respeito. Partilho com os outros o que mais me interessa a mim. Por isso tantas vezes tenho sido acusado de fazer espectáculos difíceis quando tento apenas fazer espectáculos interessantes. Não tento ensinar nada. Quero apenas dialogar. Sobre os temas que valem a pena e que esses textos me propõem.

Noutro ponto, parecido com este, também não me reconheço na imagem que este júri me devolve: não julgo ter criado "uma escola de teatro" e muito menos "de grande projecção cultural." Infelizmente a "projecção" do nosso trabalho na sociedade capitalista em que vivemos, é difícil, porque tem de lutar com a própria mentalidade do chamado grande público e com uma subtil nova censura. Mais uma vez me refiro às leis do mercado, ao poder do dinheiro a que está cada vez mais sujeita a comunicação social, veículo de que cada vez mais dependemos para chegar aos outros mas que cada

vez mais afastado está dos valores que nos movem. A "grande projecção social" do nosso trabalho creio de facto que não a consegui. Só algum prestígio criado por muitos anos de persistência. E não me sinto bem na situação de professor. Por duas vezes tentei ser professor no Conservatório e me senti mal nessas funções. Diz-me uma das alunas que então tive, a Teresa Madruga, actriz que hoje bem admiro, que comigo muito aprendeu. Que ensinei eu? Nada. Fiz com os alunos um pequeno espectáculo com um entusiasmo que nada tinha a ver com um trabalho escolar. Não tenho nem gosto de ter um saber para transmitir. E se alguém comigo aprendeu alguma coisa, foi através de um trabalho conjunto em que sempre me recusei a estabelecer hierarquias. Que fiz como quem vai vivendo. Juntar no mesmo trabalho pessoas de formações culturais e gerações muito diferentes sempre foi para mim tão natural como a vida. Logo no primeiro espectáculo do Teatro da Cornucópia, tinha eu 24 anos, foi-me dado o privilégio de juntar gente que vinha como eu do teatro universitário, com gente que vinha do teatro amador, com gente já "profissional" e duas actrizes tão extraordinárias e com tanta experiência como Glicínia Quartin e Dalila Rocha. Aprendi eu. Aprendemos todos? Acima de tudo trabalhámos uns com os outros. Mas não posso negar que me emociona muito, agora que os anos já vão passando, ouvir dizer e em público, da boca de alguns dos que agora são os melhores actores portugueses, pessoas que vi crescer, que alguma coisa aprenderam comigo. Emociona-me porque nunca tive consciência de que os estivesse a ensinar. Partilhei com eles uma boa parte da minha vida. Mais nada. Gostaria, sim, de ter criado, como se diz na linguagem jurídica, alguma jurisprudência. Adoptei teimosamente uma maneira de trabalhar que julgo civilizada servindo-me de uma estrutura de produção que com outras pessoas inventei, à nossa medida humana, o Teatro da Cornucópia, uma espécie de "ilha" de Próspero, que permitiu que se trabalhasse de uma forma livre, à margem da competição, da fama e do amor ao dinheiro e ao conforto a que tudo agora conduz e onde, agora percebo, alguma coisa foi possível aprender. Tudo nos empurra neste momento para viver em falso, para viver como não somos, para a arte de enganar, para nos colarmos a um uniforme que nos pode trazer sucesso. A criação artística, o trabalho da generosidade e da imaginação que é sua verdadeira natureza, assim não pode existir. E o contrário do teatro como eu o entendo: um instrumento privilegiado de busca de alguma verdade, um instrumento de pensamento e de prazer, uma maneira superior de estar com os outros. Gostaria sim que a teimosia com que aquela estrutura tem trabalhado há tanto tempo e os bons resultados a que chegou, constituíssem um exemplo, um precedente, uma referência na memória dos que continuarão a escolher este ofício, capaz de os ajudar a não desistir de uma dignidade artística baseada em valores humanos que a nossa cultura herdou dos que viveram antes e que, para que haja mais vida, são valores que nos compete conhecer e transformar.

Nestas minhas palavras com que agradeço o prémio "Troféu Latino", volta e meia tenho abandonado o "eu" que a situação de premiado me pede e tenho-me permitido, como é meu hábito, falar no plural. "Nós" é o pronome sujeito que muito mais vezes me vem à boca que a primeira pessoa do singular. E, juro, não é um plural majestático. É a língua a puxar-me para a verdade. Mais uma vez, como acontece de cada vez que recebo um prémio, me vejo obrigado hoje a desfazer um equívoco fundamental. Não estão previstos os prémios colectivos, mas o trabalho que faço e que hoje aqui é distinguido não é um trabalho individual. Este prémio, como, no fundo, todos os que tenho recebido, é tanto para mim como para os que comigo trabalham. Não se trata de modéstia. É da mais básica honestidade afirmá-lo. Tudo o que no teatro fazemos é um trabalho de grupo e que do grupo depende. O que tenho feito, muitas vezes de minha

iniciativa, admito, é o produto do trabalho de muitas pessoas. Tenho sabido, é verdade, reunir à minha volta muitas pessoas que me quiseram responder com uma enorme generosidade e talento. Mas o trabalho é colectivo. Estão felizmente hoje aqui presentes algumas dessas pessoas a quem estou ligado por laços de muita amizade e que saúdo como representantes de todos os outros e como premiados também. E nessa ordem de ideias, que gostaria de me servir deste prémio para fazer um pouco de justiça à pessoa que há tantos anos partilha comigo a direcção do Teatro da Cornucópia, que comigo inventa cada novo trabalho e que comigo divide tantas pequenas tarefas de que o teatro se faz: a Cristina Reis, a quem pedi para me apresentar, e que me deu a alegria de o fazer sem o pudor de aparecer em público que é muito seu e que um actor como eu não pode ter. Gostava que se percebesse que não trabalhamos como é costume noutros teatros, que aquilo que o público vê quando assiste a um espectáculo da Cornucópia não é um espectáculo meu, é um trabalho concebido pelos dois, em que, evidentemente, a direcção de actores me tem competido a mim e o desenho da cenografia e dos figurinos a ela, mas que é acima de tudo o resultado de um profundo entendimento entre duas sensibilidades que gostam de muito de trabalhar em conjunto, resolveram gastar os seus dias na teimosia de defender uma estrutura de trabalho à sua medida, disso fizeram o seu dia a dia há muitos anos e que têm construído uma linguagem comum que parte das palavras dos autores e de um comum amor aos textos mas que tantas vezes se desenvolve já sem palavras, nenhum aparato burocrático, poucas reuniões e sempre com muitas dúvidas, na elaboração de uma leitura nossa, de uma interpretação de cada texto que é feita a dois e que se comunica a outros. Temos o mesmo gosto pela dificuldade e a mesma recusa de soluções já sabidas. Interessa-nos aos dois um trabalho de natureza experimental, uma procura, que a institucionalização e o actual prestígio em que a opinião pública nos quer prender, não adivinha nem gosta de identificar connosco, talvez porque no nosso caso de modo algum ela se confunde com o improvisado com que normalmente se associa a experimentação. Gostamos no teatro acima de tudo, e de quase igual maneira, da inteligência que pode nascer do encontro de seres humanos vivos, os actores, com um texto, num espaço artificial, o palco. A Cristina, minha companheira de tantos anos de trabalho, é quem melhor me conhece a trabalhar porque o trabalho que faço não é meu, é nosso. E dele participa também, há já bastantes anos, um grande grupo de actores que connosco se entende e com quem gostamos de trabalhar e uma equipa técnica e administrativa que o tomam possível, e, evidentemente, o Daniel Worm d'Assumpção que o costuma iluminar. Mas, conforme os casos, ainda tanta outra gente. O prémio que agora recebo, como afinal todos os outros, é de todos nós.

Tenho consciência que o trabalho que aqui fui tentando definir escapa ao que mais facilmente se podia esperar ver recompensado por uma organização como a União Latina que diz ter por objectivo evidenciar e difundir a herança cultural e as identidades do mundo latino. O teatro não costuma ser admitido nessa zona. A coragem com que este júri o ousou identificar com esses objectivos é-me grata, sobretudo se, como aqui dizia o ano passado o Professor José Mattoso, a herança latina é inseparável dos valores humanísticos. Muito obrigado. E de facto nesses valores que o nosso trabalho se move. Como dizia uma personagem do *Don Carlos* de Schiller que acabámos de representar, "Os interesses da minha inteligência voltam-se apenas para um círculo: e esse é o da dignidade humana."

Luis Miguel Cintra